



# Ler a linguagem: breves notas sobre desproporções e dissemelhanças, pseudo-genéricos e a igualdade entre os sexos

Graça Abranches – CES – Universidade de Coimbra

## 1.

*“Marido e mulher ambos são bons homens”, enfim, posto que muitas desproporções ou dissemelhanças se cometem na nossa língua...*

Fernão de Oliveira, *Gramática da linguagem portuguesa*, 1536 (Cap. XLIX)

Como notou o nosso primeiro gramático, o uso do masculino genérico pode gerar o cometimento de muitas desproporções ou dissemelhanças. No sistema gramatical de género, a oposição semântica de base entre masculino e feminino parece simétrica quando se refere aos humanos: masculino significa macho (sexo masculino), feminino significa fêmea (sexo feminino). Mas a este valor do masculino significando “sexo”, junta-se um outro, dito “genérico”, que permite, por extensão, que o género masculino possa referir, se possa aplicar, às fêmeas humanas (o *Homem*, o *aluno*, os *professores...*). Esta estruturação do sistema de género, em que o masculino tem uma dupla função de referência – específica e genérica – e o feminino apenas uma função específica (a *Mulher*, a *aluna*, as *professoras...*), conduz a que a noção de “sexo” tenha, para as noções de “homem” e de “mulher”, efeitos assimétricos sobre a noção de “humanidade”. Da dupla função dos termos que se referem aos homens, resulta que *homem* surja como *medida do humano*, como *norma* ou *ponto de referência*. Subsumidas na referência linguística aos homens, as mulheres tornam-se praticamente *invisíveis* na linguagem; e, quando visíveis, continuam marcadas por uma assimetria que as encerra numa especificidade natural (o sexo) – numa “humanidade” de um outro tipo. Quando considerado a um nível sócio-cognitivo, este sistema de género **é o modelo**, inscrito na língua, de uma categorização que, com base em critérios biológicos, excluiu as fêmeas humanas da humanidade, do humano geral (Michard 1991, 147-58; 2000, 11).

O requisito de “utilização de uma linguagem *explicitamente* inclusiva do feminino e do masculino” nos materiais pedagógicos é assim claramente violado pelo abuso de pseudo-genéricos – os masculinos genéricos, suma expressão do falso-neutro (como lhe chamou Maria Isabel Barreno, 1985). Mas o problema do uso recorrente dos pseudo-genéricos não é apenas um problema de “ocultação”, de invisibilidade das mulheres que esses masculinos, por extensão, pretensamente também referem; é que a sobreposição do valor genérico e específico do masculino acarreta a *noção de que o masculino específico é genérico*. A sistemática referência pseudo-genérica a o *aluno*, o *escritor*, os *cientistas*, os *filósofos*, os *trabalhadores*, os *gregos*, etc. é, com enorme frequência, traduzida em imagens ou em nomeações de seres masculinos específicos. O masculino específico vai sendo assim sentido, percebido, como se fosse “neutro”, potencialmente “representativo” de coletivos de alunos e alunas, escritoras e escritores, homens e mulheres de ciência, filósofos e filósofas, trabalhadores e trabalhadoras, gregos e gregas...; uma figura feminina, por seu lado, estaria, tal como o feminino gramatical, amarrada ao seu sexo, podendo apenas representar/referir um conjunto de fêmeas humanas. O sentido do feminino não permite, nesta estruturação do sistema de género, o acesso ao “humano geral”. Em razão desta assimetria fundamental da estrutura cognitiva e semântica do género gramatical, o uso de pseudo-genéricos é, assim, bastante mais grave do que uma simples sub-representação linguística das mulheres. Um uso tão generalizado, e tão automatizado, que constitui sem dúvida um dos mais fortes e persistentes mecanismos de discriminação

simbólica e ideológica das mulheres – em face dos homens, seres humanos *absolutos*, elas não passam de seres humanos *relativos*, no duplo sentido de humanos *dependentes* e de humanos *de um outro tipo* (Michard, 1999, 63).

## 2.

Para verificação da aplicação à linguagem dos requisitos “ausência de preconceitos ou estereótipos” e “representação equilibrada do sexo feminino e masculino”, os parâmetros de análise são, em termos gerais, coincidentes com os propostos noutros lugares para a leitura de imagens e ilustrações.

Um bom ponto de partida pode ser a pergunta pelos mundos que o texto constrói, pelas “histórias” que conta, pelas personagens que as habitam, o que são, como são e o que fazem. O acesso à “grande narrativa”, que raramente nos surge directamente, pode processar-se pela leitura e decifração das pequenas “histórias exemplares”, tantas vezes escondidas nas frases-exemplo da Gramática ou nos silogismos da Lógica, nos problemas de Aritmética, nos exemplos de uso dos dicionários e livros de texto, nos quadros históricos, nos casos ilustrativos, ou nas invectivas directas a leitoras e leitores. Estes exemplos soltos, descontínuos, aparentemente casuais, embora disso nos não apercebamos logo, contam “histórias”, criam “personagens”, constroem cenários que, pela sua própria banalidade, vão sendo “automaticamente” articulados entre si, inscrevendo-se num universo muito mais coeso do que poderíamos imaginar.

O guião de análise que a seguir se propõe, contempla, num primeiro momento, a identificação e contagem das referências explícitas e das formas de tratamento e designação de personagens masculinas e femininas (incluindo explicitamente os pseudo-genéricos); na segunda parte, a identificação dos papéis temáticos por elas desempenhados e das escolhas lexicais que lhes estão associadas, ou seja, dos tipos de estados, actividades e atributos que nas frases lhes são predicados; finalmente a caracterização dos contextos sociais em que se movem e dos espaços físicos que habitam. Em todas estas secções são visíveis correlações com os parâmetros geralmente propostos para análise de imagens. Trata-se de uma grelha já relativamente fina, cuja aplicação sistemática a um texto extenso seria demasiado morosa no contexto a que aqui se destina. Mas a tentativa da sua aplicação a um ou dois segmentos de texto, ou a uma unidade didáctica pode constituir um bom exercício de leitura e desfamiliarização, um guia do nosso olhar para as perguntas que nos permitem desconstruir e confrontar as formas de representação textual dos sexos nos materiais em análise e descobrir para que mundos nos transportam e que humanos os habitam.

## Referências Bibliográficas

ABRANCHES, Graça & CARVALHO, Eduarda (1999), *Linguagem, Poder, Educação: O Sexo dos B-A-BAs*, Lisboa, CIDM, Cadernos Coeducação.

BARRENO, Maria Isabel (1985), *O Falso Neutro*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

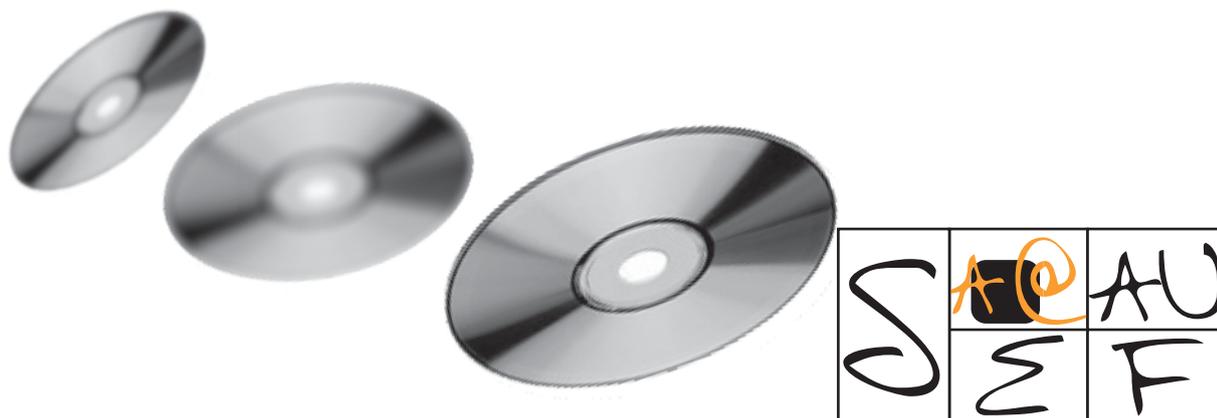
FERNÁNDEZ, M.ª Angeles Calero (1999), *Sexismo linguístico: Análisis y propuestas ante la discriminación sexual en el lenguaje*, Madrid, Narcea.

ILHARCO, Maria Dulce Urbano de Nogueira (2005), *Por entre espelhos côncavos e convexos: As representações das mulheres nos exemplos do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa.

MACAULAY, Monica & BRICE, Colleen (1997), "Don't touch my projectile: Gender bias and stereotyping in syntactic examples", *LANGUAGE, Journal of the Linguistic Society of America*, vol. 73, 4: pp. 798-825.

MICHARD, Claire (1991) "Approche matérialiste de la sémantique du genre en français contemporain", in Marie Claude Hurlig et al. (orgs.), *Sexe et genre. De la hiérarchie entre les sexes*, Paris, CNRS, pp. 147-158.

MICHARD, Claire (2000), "Sexe et humanité en français contemporain – La production sémantique dominante", *L'HOMME: Revue française d'anthropologie*, 153. 2000 (Observer Nommer Classifier).



## Visibilidade, simetria e estereotipia nas representações textuais dos dois sexos

### Guião de análise

número de referências explícitas						
	feminino		masculino específico		colectivos mistos (genéricos verdadeiros – nomes sobrecomuns [as pessoas...], colectivos, etc.)	masculino genérico
	ind.	colectivo	ind.	colectivo		
crianças						
jovens						
peessoas adultas						
animais						

formas de tratamento ou designação			
		F	M
nome próprio			
apelido/nome completo			
títulos académicos ou de função (Dr.º, Eng.º, Sr. professor...)			
formas de intimidade, diminutivos			
termos relacionais (marido, esposa, avó, filho, amiga...)			
pronomes			

distribuição das referências a participantes masculinos e femininos por <b>papéis temáticos</b>			
		F	M
agente (realiza <i>deliberadamente</i> a acção)	o que faz?		
paciente/tema (sofre a acção ou é afectado/afectada pela acção [A Maria caiu])	que acção sofre?		
sujeito de experiência (sensorial, emocional ou cognitiva)	experimenta emoções activamente (sujeito de <i>amar, preferir, gostar [de]...</i> ) experimenta emoções reactivamente (objecto de <i>aborrecer, agradecer...</i> ) experimenta actividade intelectual ou perceptiva ( <i>ver, considerar, pensar...</i> )		
receptor/a ou beneficiário/beneficiária	o que recebe? – presentes – prémios – linguagem (oral/escrita) – dinheiro ganho – dinheiro oferecido		

distribuição por campos semânticos dos termos – <b>atributos</b> – associados às/aos participantes			
		F	M
profissão/trabalho/ /ocupação	correlação com prestígio/poder; actividades definidas/indiferenciadas espaço público/mundo doméstico;...		
inteligência/razão	perspicaz, inteligente, esperta/esperto... brilhante, genial... incapaz, lento/lenta, revela dificuldades de entendimento distráido/distraída lê, escreve...		
aparência/físico	forte frágil belo/bela, elegante... doente ...		
campo afectivo e psíquico/emocional	corajoso/corajosa temeroso/temerosa sensível egoísta atento/atenta aos outros ...		

<b>localização</b>			
		F	M
espaços físicos	amplos, abertos vs. pequenos, fechados rua, loja, casa, quarto; quintal, campo, praia, parlamento; escola, hospital...		
contextos sociais	familiar profissional associativo político lazer ...		